

Narrando e Contestando Identidades Culturais na Música: O Caso de Macau antes e depois da Transferência

Desde a chegada dos portugueses, em meados do século XVI, Macau tem assistido a um intercâmbio cultural incessante entre o Oriente e o Ocidente. Diferentes tipos de herança cultural e artística híbrida, como música, linguagem e poesia, foram criados desde então. No entanto, como reflectem os académicos, estão ainda por fazer estudos para documentar o desenvolvimento artístico acima mencionado e, investigar como a identidade cultural do povo de Macau evoluiu ao longo da história. Este artigo contribui para investigar de que forma as memórias e identidades de grupos específicos de pessoas residentes em Macau são articuladas na sua música que retrata Macau, especificamente, através da análise das canções chinesas ‘Canção dos Sete Filhos — Macau’ e ‘Canção de Macau’, e das músicas portuguesas ‘Macau, Terra Minha’ e ‘Adeus, Macau’, bem como utilizando os discursos da música e da identidade cultural discutidos por Simon Frith, Stuart Hall e Homi Bhabha, entre outros. Nas obras seleccionadas são analisados o uso da linguagem, musicalidade e apresentação ao público. Embora um grupo possa demonstrar em relação

ao outro, narrativas contraditórias em termos de identidade e crenças, a sua expressão musical em geral, sobre si e sobre Macau, constitui um entendimento, memória e reconhecimento comunitário deste lugar. Ao longo do tempo, também se pode observar uma mudança ao nível das narrativas de identidade e de recepção do público, o que resulta numa identificação móvel e numa mudança da identidade colectiva das pessoas.

(Caspar Ka Yin Chan, pp. 6–23)

Mapeamento de Macau: História Espacial, Urbanismo Cinematográfico e Construção de Uma Cidade Global

Na sua obra seminal *The Image of the City*, o urbanista Kevin Lynch defende que o significado de uma experiência urbana deriva da aquisição de mapas mentais. A cidade deve ser ‘imaginada’ num ‘processo bidireccional entre o observador e o ambiente’ em que o observador ‘selecciona, organiza e dá significado ao que vê’. Neste sentido, Macau é tanto uma cidade como uma imagem. Estabelecida como entreposto comercial português em 1557 e transferida administrativamente à República Popular da China em 1999, Macau tem sofrido uma série de transformações, tanto em termos espaciais como históricos. Os projectos de aterro começaram

em 1912 e intensificaram-se no início da década de 2000. A Região Administrativa Especial iniciou um ambicioso mega-projecto de recuperação das águas entre a Taipa e Coloane, conhecido como Zona de Aterros Taipa–Coloane ou, mais comumente, ‘Cotai Strip’. Este artigo analisa a forma como a imagem de Macau, como cidade global, é construída, tanto no sentido espacial, através do planeamento urbano, como no sentido cultural, através do cinema e média. Mais especificamente, analisa a forma como o filme premiado de Ho–Cheung Pang, *Isabella*, lança luz sobre a história espacial fragmentada de Macau. Vencedor do Urso de Prata no Festival Internacional de Cinema de Berlim, *Isabella* levou Macau a uma audiência cinematográfica global. Ao mesmo tempo, o filme chama a atenção para o facto de o espaço urbano de Macau poder ser descodificado de diferentes formas pelo público local e internacional. Ou seja, o filme separa subtilmente as audiências com base no seu conhecimento da história espacial de Macau, destacando as mudanças no tecido social e a identidade cultural dos seus residentes. Este artigo explica como o cinema e o urbanismo estão ligados na construção de Macau como uma cidade global.

(Christopher K. Tong, pp. 24–41)

Religião e Poder: Mulheres Viajantes em Macau

A importância de Henrietta Hall Shuck para Hong Kong, é definitivamente notável, como a primeira missionária a visitar Macau em 1836 antes de se estabelecer em Hong Kong em 1842. No entanto, no nosso entendimento, a sua influência em Macau é comparativamente limitada. Uma vez que os temas históricos estão fortemente ligados ao retrato da ‘mulher’ criado pelo discurso hegemónico, esta pesquisa permite-nos repensar as mulheres que são sub-representadas na ‘história’. A realização da feminilidade inclusiva pode ser alcançada através de uma análise dos materiais históricos sobre as heterogeneidades que caracterizaram a vida das mulheres no terceiro mundo durante a era colonial e, portanto, redefinindo, produzindo e representando ‘mulheres’ como uma ‘mulher’ singular do terceiro mundo. Este artigo apresenta uma teoria feminista e colonial e um discurso de mulheres do terceiro mundo que exercem poder e operam resistência. Argumenta que as relações de poder são definidas como uma fonte de poder e uma resposta colectiva ao poder. Este artigo traça uma comparação entre a auto-apresentação de Henrietta Hall Shuck e a sua representação das mulheres em Macau sobre

religião e poder, propondo discursos hegemónicos que se inscrevem em relações de poder onde as mulheres opõem, resistem e implicitamente apoiam.

(Eliza Si Kei Leong, pp. 42–57)

Dos Primeiros Contactos Luso-Chineses à Presença Portuguesa em Macau

Neste artigo proponho traçar um roteiro histórico que vai da conquista de Malaca aos primeiros tempos da presença permanente portuguesa em Macau. A conquista de Malaca em 1511 abriu aos portugueses as rotas do Sudeste asiático, proporcionando os primeiros contactos com os chineses. Utilizando fontes ocidentais e chinesas narro o percurso dos mercadores portugueses nas costas da China, e, com base na tese de Rute Saraiva, tento mostrar como foi possível o acordo luso–chinês de Leonel de Sousa, de 1554, que possibilitou a presença permanente dos portugueses em Macau, em 1557.

(Aureliano Barata, pp. 58–71)

A Terceira Rota da Seda: Piratas, Tesouros Enterrados e Navios Naufragados

A maioria das pessoas ouviu falar da Rota da Seda terrestre, mas sabe menos sobre a Rota da Seda marítima, embora ambas sejam igualmente importantes na história.

As discussões sobre as Rotas da Seda terrestre e marítima têm se concentrado no papel de facilitadoras do comércio internacional e intercâmbios culturais. No entanto, existe uma terceira Rota da Seda, que raramente é mencionada, mas também é importante para a história, a arqueologia e o património cultural. Esta terceira rota é a Rota da Seda dos piratas. Onde quer que houvesse um comércio florescente, com certeza haveria piratas que se aproveitavam desse comércio e que também criavam as suas próprias redes de troca através de mercados negros e portos amigáveis. Sempre que existia intercâmbio cultural, havia piratas que participavam activamente da divulgação cultural. Neste artigo, desenvolvo esses temas com exemplos específicos da história (com foco no Leste e Sudeste Asiático). Primeiramente, discuto as rotas marítimas relacionadas à Rota da Seda e as suas conexões com a pirataria. Em seguida, examino vários covis de piratas localizados ao longo dessas rotas, locais onde os piratas supostamente enterravam os seus tesouros. Após isso, discuto o emocionante campo da arqueologia marítima para examinar o que foi descoberto sobre supostos navios piratas naufragados ao longo da Rota da Seda marítima. Por fim, exploro algumas das contribuições que os piratas têm feito para a

RESUMOS

disseminação da religião popular e da cultura popular, bem como possíveis contribuições que a Rota da Seda dos piratas pode trazer a projectos de património histórico e cultural contemporâneos.

(Robert J. Antony, pp. 72–91)

Lançamento do *The Dawn* na Guangzhou revolucionária: Tan Malaka e a ‘Conferência de Cantão’ dos Trabalhadores dos Transportes do Pacífico (Junho de 1924)

Chegado a Guangzhou vindo da Rússia em Dezembro de 1923, como representante Indonésio da Internacional Sindical Vermelha (Profintern) no Extremo Oriente, e delegado da Internacional Comunista (Comintern) para o Sudeste Asiático — Tan Malaka, também participou da Conferência dos Trabalhadores dos Transportes do Pacífico, realizada na cidade do sul da China, em Junho de 1924. Reunindo uma assembleia de delegados da China, Indonésia

e Filipinas, a Conferência designou Malaka como editor de um proposto boletim multilíngue, *The Dawn*. A ‘Conferência de Cantão’ e o *The Dawn* têm sido amplamente negligenciados na literatura, por isso este artigo busca avançar na pesquisa sobre este assunto com referência aos também negligenciados arquivos do Comintern, abordando especialmente o tema Profintern-na-Ásia, bem como o papel especial de Tan Malaka antes e após a sua partida para as Filipinas, onde prosseguiu o apoio a líderes sindicais locais.

(Geoffrey C. Gunn, pp. 92–109)

O Equilíbrio dos Impossíveis — Uma Espiritualidade Oriental

Cada nação tem o seu próprio carácter peculiar, e o japonês em particular, é um ser religioso porque supersticioso, que teme a Deus (ou aos deuses), a si, aos outros, ao grupo e ao ambiente — as ilhas que habita, o mar que o envolve e o céu que o observa. Para se proteger

de tudo e de todos, o japonês encontrou no xintoísmo primeiro, e no budismo depois, princípios e crenças que o moldam no diálogo com a natureza e com a sociedade. Escapou-lhe o cristianismo, que propunha a síntese de todas as crenças, mas impunha o monopólio da verdade.

Entre a fúria dos elementos e a fúria dos homens, o japonês acha-se protegido pelo xintoísmo e pelo budismo. O japonês é talhado por cinzel xintoísta, mas com mão budista. Ensinado a admirar o belo, o japonês recria o meio contido e exemplar, onde procura uma espiritualidade minimalista, depurada e disciplinada tão bem sintetizado no jardim japonês.

Entre a religiosidade budista e o amor à natureza protagonizado pelo xintoísmo, o japonês procura o belo e o perfeito num equilíbrio (quase) impossível.

(Eduardo Kol de Carvalho, pp. 110–121)

